



CONCEPÇÕES DE JOVENS SOBRE A DISCIPLINA DE HISTÓRIA: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO HISTÓRICA

GEYSO DONGLEY GERMINARI*

INTRODUÇÃO

As reflexões presentes nesta comunicação resultam de um estudo exploratório realizado como etapa do projeto de pesquisa “Pensamento histórico de jovens de escolas da região centro-oeste do Estado do Paraná”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), *campus* Irati-PR, cujo objetivo principal é investigar a estrutura do pensamento histórico de jovens matriculados em escolas localizadas no centro-oeste do Paraná, a partir da perspectiva da pesquisa em Educação Histórica, também denominada pesquisa em cognição histórica situada na ciência da história.

Enquanto área de investigação a Educação Histórica foca sua análise nos processos de aprendizagem histórica, em diferentes níveis de escolarização, “[...] sob o pressuposto de que a intervenção na qualidade das aprendizagens exige um conhecimento sistemático das *ideias históricas* dos alunos, por parte de quem ensina (e exige também um conhecimento das ideias históricas destes últimos)” (BARCA, 2005: 15). Nessa perspectiva, a pesquisa sobre a aprendizagem histórica referencia-se na própria epistemologia da ciência histórica. É nesse sentido “[...] que se pode falar da existência de uma aprendizagem situada na História e da necessidade de se conhecê-la, a partir da investigação e análise” (SCHMIDT; BARCA, 2009: 13).

Nesse campo de pesquisa, o que se busca é compreender como alunos e professores pensam o conhecimento histórico, as investigações buscam conhecer as ideias desses sujeitos acerca da natureza epistemológica da História, de modo que os resultados obtidos, por meio da pesquisa, orientem a intervenção na cognição histórica dos alunos, para que estes qualifiquem sua aprendizagem e compreendam a História como um conhecimento específico, que possui objeto próprio, metodologias de pesquisa e vocabulário característico.

* Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor Adjunto e Coordenador do Laboratório de Ensino de História (LEHIS), Departamento de História (DEHIS), Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), *campus* Irati-PR - Brasil, e-mail: geysog@gmail.com

Outra referência importante para pesquisa é a ideia de jovem como sujeito, a qual sustenta-se numa conceituação histórico-sociológica da juventude e sua inserção numa determinada sociedade urbano – industrial. Conforme Rosicler Goedert (2007: 4-5),

Neste sentido é necessário compreender que a juventude é constituída como a representação de um grupo social, elaborada no contexto histórico e ideológico de uma sociedade que se industrializa e que coloca em causa as condições fundamentais de sua vida particularmente em meio às contradições sociais inerentes às formas atuais de mundialização do capital. A possibilidade do compartilhamento sociocultural desta imagem de juventude é resultado de uma certa convergência sócio-antropológica do universo cultural de uma sociedade.

Do ponto de vista histórico, o processo de constituição de um sentido compartilhado de juventude, segundo Hobsbawm (1995), tem como marco fundador o momento do reconhecimento da autonomia da juventude como uma camada social separada de outros grupos (crianças e adultos), um fenômeno que se consolida a partir da segunda metade do século XX.

O jovem, como ator consciente de si mesmo, cada vez mais reconhecido em sua autonomia, emerge na segunda metade do século XX, em decorrência das mudanças na estrutura familiar vigente que alteraram profundamente as estruturas das relações entre sexo e gerações. “O que era e é muito mais interessante é que, grandes ou pequenas, as mesmas transformações podem ser identificadas por todo globo ‘modernizante’. Em parte alguma isso foi mais impressionante que no campo da cultura popular, ou, mais especificamente, jovem”. (HOBSBAWM, 1995: 317).

Para Hobsbawm (1995: 323) “a cultura jovem tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos”.

A partir das considerações expostas coloca-se a seguinte questão de pesquisa: como os jovens matriculados no Ensino Médio compreendem a disciplina de História? Por essa pergunta, entende-se que ela não está questionando os conteúdos históricos, o quanto os alunos sabem sobre quando ou onde algo aconteceu, ao invés disso, a preocupação é com o que eles entendem que seja a História, no âmbito escolar.

USOS DA HISTÓRIA

O historiador Estevão Rezende Martins (2011) identificou três usos do termo História. O primeiro, e mais corriqueiro, é a utilização da expressão História à totalidade das ações humanas no tempo e no espaço. Nesse caso, a História refere-se aos incontáveis atos das pessoas “[...] marcados pela racionalidade dos motivos e das intenções, imersas na cultura concreta de cada um, de uma ou de outra forma, é necessariamente dependente [...]” (MARTINS, 2011: 44). O segundo uso, é o de chamar de História o produto do procedimento teórico-metodológico da pesquisa sobre o passado, “[...] sob a forma de argumento demonstrativo, consignado narrativamente” (REZENDE MARTINS, 2011: 44), esse significado refere-se à História como ciência.

Um terceiro uso, também bastante comum, é o emprego do termo História para o produto final da narrativa científica, a Historiografia. Aqui, cabe destacar a diferença da narrativa historiográfica da narrativa espontânea realizada por qualquer discurso humano sobre sua experiência no tempo, como destaca Rezende Martins (2011: 44) “ambas são narrativas; a historiográfica, no entanto, está submetida às convenções e aos controles metódicos da especialidade”.

Ainda, na esteira do autor pode-se afirmar que existe uma interdependência entre os três usos do termo História. “A historiografia é subconjunto da história-ciência e está é um subconjunto da história como um todo [...]” (MARTINS, 2011: 44).

IDEIAS DE JOVENS SOBRE HISTÓRIA

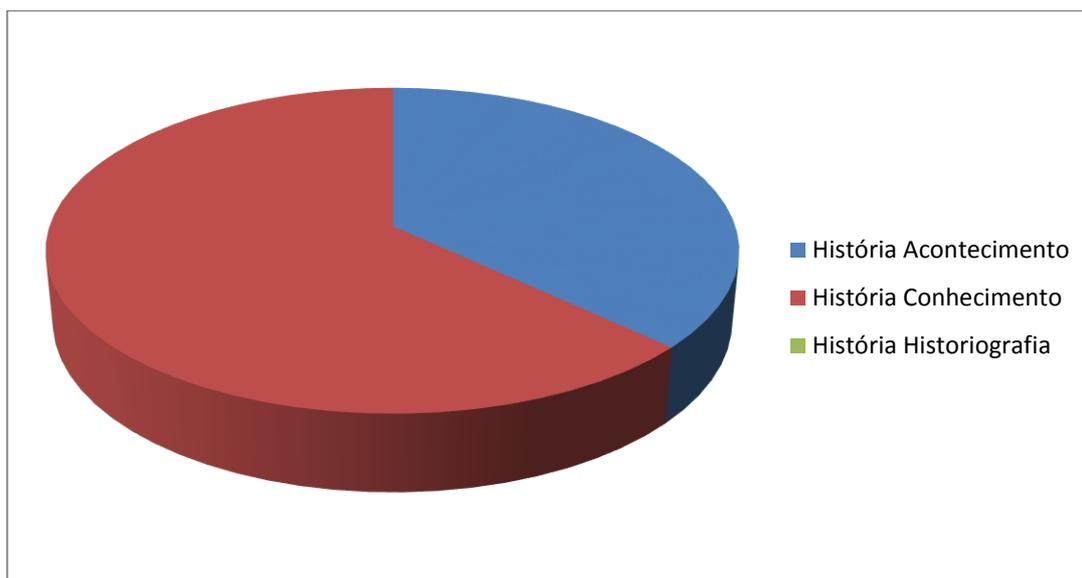
O estudo exploratório contou com a colaboração de jovens com idades entre 14 e 17 anos, sendo no total 75 estudantes, matriculados no Instituto Federal do Paraná, *campus* Irati. Dessa amostra, 41 jovens cursam o 1º ano do Ensino Médio, técnico de Agroecologia e 34 jovens cursam o 2º ano do Ensino Médio, técnico de Informática. A maioria dos jovens participantes da pesquisa moram na cidade de Irati-PR (26 moram em municípios vizinhos), na área urbana (8 moram na zona rural) e não exercem trabalho remunerado.

Nessa etapa de investigação realizou-se a aplicação de um questionário, organizado em duas partes, a primeira com questões para coleta de dados socioeconômicos e a segunda com perguntas para os jovens expressarem suas ideias sobre o conceito de História.

Uma das questões, da segunda parte, consistiu na pergunta: O que é História para você? A análise das respostas seguiu as reflexões de Rezende Martins (2011), sobre os usos do termo História, tal reflexão permitiu a organização da seguinte categorização: a) História Acontecimento; b) História Conhecimento; c) História Historiografia.

A questão foi respondida por 72 jovens, sendo que 46 respostas foram classificadas como História Conhecimento e 26 respostas foram categorizadas como História Acontecimento. Não houve registro de ideias dos jovens relacionadas à História Historiografia. O QUADRO 1, representa a proporcionalidade das respostas dos jovens.

QUADRO 1 – IDEIAS DOS JOVENS SOBRE HISTÓRIA



Por um lado, os jovens na sua maioria (46 no total) compreendem que a História é um campo de conhecimento específico. A estudante Caroline, 15 anos, do 2º ano do curso técnico de Informática expressou assim a sua ideia:

É conhecer o passado para sabermos como será o nosso futuro e também entender nosso presente

Na mesma perspectiva de compreensão, Julia, 14 anos, do 1º ano do curso de Agroecologia, entende História da seguinte forma:

A ciência que estuda a história dos nossos antepassados, as relações e tudo o que está em nosso meio, pois sem a história nada seríamos.

Por outro lado, 26 jovens expressaram ideias relacionadas à História Acontecimento, suas respostas, de diferentes formas, fazem referências à História como ação humana no tempo e no espaço. Para Yasmim, 14 anos, do 1º ano, do curso técnico de Agroecologia, a História:

São fatos que aconteceram no passado, que até hoje são lembrados de alguma forma na sociedade, a cada dia que passa surgem novas histórias.

O estudante Marcelo, 15 anos, do 2º ano do curso técnico de Informática colocou sua ideia sobre História, da seguinte forma:

A História para mim é o que acontece no decorrer do tempo, englobando vários aspectos (cultural, político, econômico) de determinado grupo social/cultural, ou até mesmo de determinada sociedade, nação/civilização.

O pensamento dos jovens revelado no estudo exploratório apresenta potencialidades interessantes para Educação Histórica. As ideias referentes à “História Conhecimento”, expressadas por mais da metade dos participantes da investigação, é condição essencial para o desenvolvimento do pensamento histórico científico. A partir da compreensão da História, como um campo de conhecimento científico específico, é possível o desenvolvimento de ideias complexas de 2º ordem, tais como: a análise de causa e efeito das mudanças ao longo do tempo; a realização de inferências a partir de diferentes fontes históricas, com suportes diversos (fotografia, pinturas, documentos escritos, depoimentos orais, cultura material); a

seleção de fontes para confirmação ou refutação de hipóteses e a apreensão da multiperspectividade histórica.

As investigações na perspectiva da Educação Histórica, sustentadas na epistemologia histórica, assumem, na atualidade, um conjunto de abordagens que podem ser resumidas em três grupos: a) análises sobre ideias de segunda ordem; b) análises relativas às ideias substantivas; e c) reflexões sobre o uso do saber histórico. As reflexões sobre ideias de segunda ordem buscam compreender o pensamento histórico, em qualquer nível de escolaridade, segundo critérios de qualidade, ancorado nos debates contemporâneos sobre a filosofia e teoria da História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse enfoque não interessa a quantidade ou a simples correção de informações factuais sobre o passado, mas as questões relacionadas ao raciocínio e à lógica histórica, em que são analisados conceitos como: compreensão histórica, narrativa, evidência histórica, inferência, consciência histórica, causalidade, entre outros. A análise de ideias substantivas concentra-se nos conceitos históricos, conhecidos na escola como “conteúdos de ensino”. Nesses estudos enfocam-se conceitos gerais, como, por exemplo, imperialismo e democracia, e também noções particulares vinculadas a contextos específicos no tempo e no espaço, tais como as histórias nacionais, regionais e locais. As investigações sobre o uso do conhecimento histórico versam sobre o significado e uso da História na vida cotidiana

REFERÊNCIAS

BARCA, I. Educação Histórica: uma nova área de investigação? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE ENSINO DE HISTÓRIA, 6., 2005, Londrina. **Anais...** Londrina: Atrito Art, 2005. p. 15-25.

GOEDERT, R. Juventude(s) e escolarização: diálogos com “idéias” que construíram a imagem do sujeito jovem. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE CORPO E CULTURA, 1., 2007, Vitória. **Anais do I Seminário Nacional de Corpo e Cultura: possíveis abordagens, possíveis diálogos.** Goiânia: CBCE, 2007. p. 1-13.

HOBSBAWN, Eric. Revolução Cultural. In: HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 314-336.

REZENDE MARTINS, E. de. História: consciência, pensamento, cultura, ensino. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 42, p. 43-58, 2011.

SCHMIDT; M. A.; BARCA, I. Apresentação. In: SCHMIDT; M. A.; BARCA, I. **Aprender história: perspectivas da educação histórica.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2009. p. 11-19. 2

